

TELMA DA SILVA REIS

VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE PARNAÍBA

Monografia apresentada à Universidade Estadual do Piauí - UESPI, como requisito parcial do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, sob a orientação professor especialista Antonio Marcos Silva Costa.

**PARNAÍBA-PI
2009**

TELMA DA SILVA REIS

VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE PARNAÍBA

Monografia apresentada à Universidade Estadual do Piauí - UESPI como requisito parcial do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, sob a orientação professor especialista Antonio Marcos Silva Costa.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Professor(a) Examinadora(a)

Professor(a) Examinadora(a)

Professor(a) Examinadora(a)

RESUMO

Este trabalho relata como “A Violência nas Escolas Públicas”, vem aumentando gradativamente, não só em nossa sociedade como dentro das nossas escolas o que traz consigo um grande caos, para as futuras gerações de estudantes que estão cada vez mais se tornando delinquentes devido a vários fatores que influenciam, este desequilíbrio emocional. [Neste sentido, a investigação realizou-se a partir de noticiários que se havia conhecimento e como estava crescendo o aumento da violência, como as formas de abordagem e como as instituições olham e agem diante desta problemática] com isto a culminância na elaboração de uma melhor proposta para que as escolas não se desesperem ou rejeitem esses discentes que muitas vezes precisam apenas de alguém que lhes escutem. A análise desta investigação abrangeu-se em alguns aspectos de: influência da mídia, uso de drogas, relação professor / aluno e desestrutura familiar e como a escola poderia ou pode ajudar esses alunos, para a socialização e a valorização da não-violência. Para poder dar o resultado das questões apresentadas, foi necessário o conhecimento de bibliografias produzidas por estudiosos do assunto, pois não se pode trabalhar com este tema somente com o conhecimento empírico, sem ter uma relação do que os autores vem estudando a tanto tempo. Na pesquisa, pode-se perceber que as instituições não quiseram identificar-se para não, ficarem constrangidas com o que acontecem em suas escolas e causar maiores atos de vandalismo, e o que mais informamos é que, precisa-se de educadores mais preocupados com seus alunos do que com seus salários.

Palavras-chaves: Violência; Geração; Delinquentes.

ABSTRACT

This work tells as " the Violence in the Public " Schools, it is increasing gradativamente, not only in our society as inside of our schools that he/she brings with itself a great chaos, for the future generations of students that are more and more becoming delinquent due to several factors that influence, this emotional unbalance. In this sense, the investigation took place starting from news sections that knowledge there was been and as it was increasing the increase of the violence, as the approach forms and as the institutions look and they act before this problem, with this the culmination in the elaboration of a better proposal so that the schools don't lose hope or reject those discentes that a lot of times just need somebody to listen to them. The analysis of this investigation was included in some aspects of: influence of the media, use of drugs, relationship teacher / student and family desestruturata and as the school it was able to or it can help those students, for the socialização and the valorization of the no-violence. To give the result of the presented subjects, it was necessary the knowledge of bibliographies produced by specialists of the subject, because one cannot work with this theme only with the empiric knowledge, without having a relationship than the authors are studying at so much time. In the research, it can be noticed that the institutions didn't want to identify for no, they be constrained with what happen at their schools and to cause larger actions of vandalism, and the one that more informed is that, he/she needs her of more concerned educators with their students than with their wages.

Key-words:. Violence; Generation; Delinquent.

Agradeço à Deus por me ter dado sabedoria para a realização desta monografia e ter chegado ao término com bastante êxito.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO I - SOCIEDADE E VIOLÊNCIA	10
CAPÍTULO II - COTIDIANO ESCOLAR E VIOLÊNCIA.....	20
2.1 A depredação escolar	24
2.2 As brigas e agressões entre alunos(as).....	25
CAPÍTULO III - ESCOLA E VIOLÊNCIA: UMA RELAÇÃO COMPLEXA E DESAFIANTE	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	36
APÊNDICE	

INTRODUÇÃO

Muitas pesquisas vêm sendo realizadas para proporcionar melhor compreensão dos motivos geradores dos vários atos de violência, observa-se que muitas campanhas são realizadas todos os anos com o propósito de que haja mais harmonia e paz entre os povos e nações.

É muito fácil e estranho dizer que o ser humano é agressivo, isto ocorre porque sempre se conhece alguém que é muito "bonzinho" e incapaz de fazer mal a outra pessoa, mas basta que ela saia do controle de suas emoções que se ver, este agir com agressividade ou coisas piores.

Para superarmos a estranheza que a afirmação inicial nos aponta é necessário entendermos que a agressividade ou atos de violência é um impulso que pode voltar-se para fora ou para dentro do indivíduo dependendo de como este se comporta, pois envolve o lado emocional ou para ter melhor compreensão está relacionado com a vida psíquica; um exemplo claro é o de AMOR / ÓDIO ou RAZÃO / EMOÇÃO.

A violência geradora de algumas atividades de desequilíbrio está relacionada com pensamentos, imaginação ou ação verbal e não-verbal; portanto, nem sempre aquele alguém muito "bonzinho" vai ser calmo toda vida, chegará um dia que este poderá ter fantasias destrutivas ou sua agressividade pode-se manifestar-se pela ironia, pela omissão de ajuda, ou seja, a violência não se caracteriza exclusivamente pela humilhação, constrangimento ou destruição do outro, isto é, pela ação verbal ou física sobre o mundo.

Nesses tempos em que o homem começou a observar que o mundo iniciou seus dias de modernização trouxe também com ele a violência que invadiu todas as áreas da vida de relação desse indivíduo como: relação com o mundo das coisas, com o mundo das pessoas, com seu corpo e sua mente, como se percebe alguns analistas e psicólogos em dizer que: O homem foi submetido a uma coerção e a um desprazer absolutamente desnecessário ao crescimento, desenvolvimento e manutenção de seu bem-estar.

A violência está presente também quando as condições de vida social são pouco propícias ao desenvolvimento como acontece nos bairros ou comunidades de

idades carentes e em alguns casos a falta da realização pessoal é que levam o indivíduo a mecanismos de autodestruição um exemplo bem claro desta situação e o uso de drogas, o alcoolismo e tudo isto leva somente ao suicídio. Isto nos faz pensar que, é como se o progresso tecnológico, o desenvolvimento da civilização, ao invés de propiciar o bem-estar dos indivíduos, concorresse para a destruição das condições da vida social, a violência deve ser entendida como produto e produtora dessa devastação que acaba sendo considerada uma doença social onde pode contaminar toda a sociedade, até mesmo naqueles grupos considerados como mais protetoras de seus membros, a família e a escola por exemplo.

Isso significa que é necessário deixar de considerar como violência exclusivamente a prática de delitos, a criminalidade essa é uma associação feita pelos meios de comunicação em massa e que acaba por reproduzir de forma explícita em suas transmissões programas que destacam atos de barbárie que acontecem frequentemente nas sociedades de todo o mundo, outra maneira de violência exarcebada é exibida através de jogos eletrônicos, que de tão reais, causam confusão entre o mundo real e o virtual, já fazem parte do cotidiano.

O individualismo, somados a necessidade de se levar vantagem em tudo abre espaço para a intolerância e conseqüentemente a violência em si, uma sociedade cada vez mais capitalista estimulada pelo consumismo desenfreado e valorização da aparência em detrimento da essência da pessoa humana, sendo a competitividade enlouquecida alimentada em todos os campos e os valores como: Solidariedade, Respeito e Tolerância pouco praticadas na convivência social seja ela em todos os ambientes freqüentados pela sociedade.

E de um modo geral existem ou não se quer reconhecer que estas já estão diluídas no cotidiano às quais muitas vezes nos acostumamos com a violência familiar, no trabalho, da polícia, das ruas, do atendimento precário, à saúde e a qual iremos nos reportar que é a violência nas escolas que assustadoramente está invadindo essas instituições como se pode observar nos últimos anos esses acontecimentos violentos têm chegado no ambiente escolar e manifestado-se de diversas formas nas relações interpessoais e por conseguinte em todo o processo de ensino-aprendizagem, tornando-se crescente e desafiadora para os educadores coibir tais práticas e instalar a paz nas suas instituições, para tanto faz-se necessário analisar formas de como combater pedagogicamente estes atos não só no interior, mas também no exterior da escola.

A educação e os mecanismos sociais de tradição buscam o controle dessas emoções, assim desde criança o ser humano aprende a reprimir e a não expressá-la de modo descontrolado, como expressa Gandhi quando diz: "Para encontrar a verdadeira paz no mundo, temos de começar com as crianças". A educação é responsável para dar suporte as novas gerações, mas é preocupante o comportamento desestruturado de alguns discentes nas escolas de diversos níveis e modalidades de ensino, por isso torna-se necessário utilizar uma investigação para verificar as causas dessa problemática e entender que fatores contribuem para as manifestações violentas dos discentes nas escolas públicas municipais do país, fazem uma análise do papel dos educadores diante dessa situação e buscar desenvolver ações para que os pais e professores possam trabalhar juntos no resgate dos jovens e classificar os tipos de grupos violentos.

O estudo sobre a violência dentro das escolas traz para os educadores informações relevantes de como lidar com esta situação, mostrando para os discentes quais as consequências de atos de agressão tanto dentro como fora da escola, investigando o que leva esses jovens se tornarem agressivos e tentar resgatá-los para o convívio escolar sendo que a família é um grande aliado para o resgate desses adolescentes.

Neste sentido a presente pesquisa sobre este assunto nos apresenta um relato em três capítulos, onde no primeiro capítulo revela como está nossa sociedade em relação à violência crescente e assustadora em todos os sentidos, seja ela com os fenômenos naturais ou instintos humanos, já no capítulo dois diz respeito ao cotidiano escolar e a violência que está causando um enorme prejuízo na educação pois a escola é a extensão do lar e que infelizmente essas instituições estão cada vez mais desestruturadas e não somente isto os alunos cada vez mais, sendo desestimulados dentro das escolas, o acesso as drogas cada vez maior e vários outros enfoques.

Para finalizar termina-se com o terceiro capítulo que faz uma complexa e desafiadora observação de como as escolas junto a família e a sociedade deve resgatar os alunos de uma situação tão violento e tentar ampliar a paz e a solidariedade nas futuras gerações.

CAPÍTULO I

SOCIEDADE E VIOLÊNCIA

Numa sociedade que visa uma estabilidade e regularidade, a violência introduz o desregramento e o caos, pois está associada a uma força que escapa dos limites provocando a ruptura no mundo, sintetizada através do medo pelo descontrole da falta de ordem e equilíbrio, exigindo respostas porque é impossível de ser ignorada, deixando marcas por onde passa e sendo tão devastadora como os fenômenos naturais, causadores de grandes catástrofes. Semelhante é a violência humana, tão visível aos sinais de guerra e fome revelando a tentativa do homem de controlar tudo a sua volta sendo que alguns se destacam na medida de demonstrar como solucionar as práticas de novas maneiras de viver e conviver.

É como se vivêssemos um momento de nossa civilização em que a cultura não dá mais conta de canalizar a agressividade que todos possuímos em produções socialmente construtivas, é como se essa energia não encontrasse canais, formas de expressar-se dentro dos limites da lei, das regras. A violência crescente e aparentemente, descontrolada, mobiliza em todos nós a agressividade enquanto destrutividade: a destruição do outro e de nós próprios. Portanto, se não naturalizarmos a violência, podemos descobri-la em suas mais diferentes, sutis e grosseiras expressões em nosso cotidiano como afirma o psicanalista brasileiro Hélio Pellegrino (2000):

A crescente violência só pode ser entendida a partir da constatação de que vivemos um momento histórico em que se rompeu o pacto social e isto faz com que se rompa o pacto edípico, isto é, autoridade, a norma, a lei internalizada e está ruptura retira o controle sobre os impulsos destrutivos.

Neste clima cultural que se observa a deteriorização dos valores básicos e agregadores da coletividade; a solidariedade, a justiça e a dignidade pois neste sentido se consta a banalização do mal, a tolerância com a crueldade, a impunidade, a descrença ao mecanismo regulador da convivência social, o sistema de justiça e o fracasso do Estado em garantir segurança dos cidadãos, até porque eles próprios descobrem que o Estado também detém a violência.

A maior preocupação dos jovens é o medo por causa da violência que muda a rotina de suas vidas pois ficar sozinho ou ficar sentados em praças e chegarem em casa altas horas é situação que não podem fazer nos grandes centros do país. Percebendo a realidade de muitas instituições de pesquisa, que começam a realizar estudos sobre o assunto como é o caso da ONU (Organização das Nações Unidas), que revela na maioria das vezes a cultura da violência cometida pelos jovens é um pedido de socorro ou de atenção, utilizando como referência a contribuição de Jurandir Freitas Costa (1997):

A violência é o emprego desejado de agressividade com fins destrutivos. Agressões físicas, brigas, conflitos podem ser expressões de agressividade humana, mas não necessariamente expressões de violência. A ação é traduzida como violenta para a vítima, pelo agente ou pelo observador, pois ela ocorre quando há desejo de destruição.

Neste sentido, entende-se como marca constitutiva da violência a tendência à destruição do outro, ao desrespeito e à negação do outro, podendo a ação situar-se no plano físico, psicológico ou até mesmo ético.

Fica bem explícito que as pessoas não conseguem mais chegar a um resultado comum que é viver em harmonia, pois cada dia a agressividade passa a aumentar no convívio social seja por qualquer motivo a violência física ou moral já é rotina, sem contar as constantes guerras que refletem imagem de total falta de conscientização com a vida do próximo, a desarmonia entre os povos acarreta consequências trágicas sem qualquer benefício, as pessoas estão e são mais egoístas, e o problema do outro mas tarde fica esquecido, que poderá ser o seu.

No mundo existem poucas pessoas que lutam diariamente por dias melhores e a tendência parece ser o aumento da desvalorização do ser humano por meio dos resultados irreparáveis ocasionado pela manifestação e valorização da violência, fazendo com que eles se afastem cada vez mais: Segundo o Pedagogo Paulo Freire diz: "A paz, porém não precede a justiça por isso a melhor maneira de falar de paz é fazer justiça".

A violência é um problema que afeta, particularmente, os centros urbanos maiores, enganam-se pois isto acontece em todos os lugares cidades pequenas e cidades de médio porte tão brutal como assistimos nos noticiários ou às vezes até piores que muitas vezes ou melhor, afirmando a população fica em estado de choque de como esta aconteceu em sua cidadizinha. Isto explica-se porque a rua, como

espaço social do lúdico, do encontro, da convivência, tornou-se o espaço da insegurança, do medo, da violência pelo “bandido”, pela polícia e, mesmo, pelo cidadão comum. Vemos todos os dias nos jornais problemas de trânsito que terminam em agressões ou mortes, a polícia que num tiroteio matou mais um, o trombadinha que roubou o tênis do outro menor, fica bem claro que já temos a cara do medo e a pôr para fora a nossa própria agressividade, de modo destrutivo, no intuito de nos proteger, segundo cálculos da socióloga Sophie Body Gendrot do Instituto de Estudos Políticos de Paris: Os americanos gastam em segurança privada quase o dobro do que o governo investe na polícia, em 1993 eram 65 bilhões de dólares contra 35 bilhões investidos em segurança de acordo com Sophie o enclausuramento em condomínios não contribui para reduzir taxas de violência e só faz com que a situação piore.

Isso leva a um clima de insegurança que perpassa por toda a população, a qual passa a pedir mais segurança, maior proteção policial, um aparelho repressivo mais eficiente, que estabeleça, novamente o clima de segurança entre os cidadãos, essas solicitações acabam por ter, como consequência, a transformação da própria população em vítima da repressão policial.

Outro ato de violência marcante em nossa sociedade se diz respeito ao que acontece dentro dos lares, nas famílias que a cada dia se desestruturam mais e o reflexo desta transformação na estrutura familiar acarreta grandes desastres, pois existe em nossa sociedade um modelo de família que se caracteriza pela autoridade paterna e pela submissão dos filhos e da mulher a essa autoridade, nota-se que pais separados e em permanentes conflitos, pais que moram no mesmo teto mas vivem em desarmonia ou simplesmente pais ausentes por imprevistos profissionais, encabeçam as estatísticas das famílias que geram filhos com desajustes, a ONU (Organização das Nações Unidas) entrevistou simultaneamente adolescentes de vários países como: França, Inglaterra, Estados Unidos e Brasil onde foram constatado os maiores países de violência ocasionada por adolescentes e em todos os lugares a sensação de abandono é relatado por eles que muitas vezes roubam, matam, usam drogas e até mesmo traficam, não importando a classe social, como reforça Júlio Jacob, coordenador de pesquisa antigamente os filhos de classe média tinham destino certo no mundo inteiro das multinacionais e hoje a maior competição é nos pontos de tráfico.

A grande maioria dos pais acham que à autoridade e repressão são protetores de seus lares, fica uma questão a: se pensar que será se essa imagem falseada que se tenta passar realmente cumpre a função de proteção ou se encobre práticas de violência sobre o uso do corpo da mulher bem como justificando os castigos físicos na educação dos filhos, perpetrados tanto pelo homem como pela mulher (PAI ou MÃE).

A violência física ou psicológica contra crianças e adolescentes é covarde, se fica um hematoma, a vítima nem sai de casa, milhares deles vão parar nas ruas por causa de maus-tratos, porque não agüentam mais ficar em suas casas, e isto acarreta milhões de problemas pois se envolvem com o que não presta e o no artigo 5º por exemplo do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) diz: "Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais."

No interior da família, lugar mitificado em sua função de cuidado e proteção, existem muitas outras formas de violência além da física e sexual; ou seja, há o abandono, a negligência, a violência psicológica, isto é, condições que comprometem o desenvolvimento saudável da criança e do jovem, para o pediatra Lauro Monteiro que é necessário impor limites, mas sem violência e ainda relata (2008), "O castigo deve existir quando o filho (a filha) age de forma errada, mas não pode ser físico ou psicológico e necessário que a criança ou adolescente reflita sobre seu erro e logo depois a punição tem de ser proporcional à falta."

Muitos afirmam que a idéia de bater é um meio de ensinar os filhos a respeitar limites, isto é, equivocado e ajuda a perpetuar uma "cultura da violência", a própria palmada é um ato físico de covardia, é uma solução de fraqueza tomada por pais que não sabem como lidar em uma situação de conflito com o filho, existem pessoas tão sem conceitos formulados por chamam esses atos físicos de pedagógicos, mas na verdade, só ensinam que os problemas podem ser resolvidos com violência, e está atitude pode gerar reflexos na criança ou adolescente nas escolas com os colegas (bullying).

A violência cresce assustadoramente no interior das famílias seja ela contra a mulher como em relação aos filhos é um dado que chama cada vez mais a atenção de pesquisadores e autoridades na área pois o número de adolescentes e crianças viciadas pelos pais, espancadas pelas mães e assassinadas por ambos

que esse fenômeno perpassa todas as classes sociais, pois não está apenas rondando as classes pobres.

A negligência engloba atos de omissão e também as conseqüências prejudiciais ou ameaçadoras relacionadas a essas ações, pode ser o ato de educar os filhos de forma incorreta (sem limites ou formar rígida demais), ou ainda quando os cuidadores não suprem as necessidades básicas da criança, com alimentação, saúde e lazer.

A região Nordeste é a que ocupa o primeiro lugar das pesquisas sobre violência na família contra crianças e adolescentes. dados estes apontados pelo Sistema de Informação para a Infância e Adolescentes (Sipia) entre março de 2003 e março de 2008.

Além da violência na família outro ato totalmente destrutivo e de extrema violência é o acesso de crianças, jovens, pais de família em linhas gerais toda a sociedade com as drogas como diz o psicólogo Kalina (2002): "Numa sociedade baseada na plenitude do homem e não no consumo; em uma sociedade amável e digna de ser amada, em que o homem pudesse sentir-se seguro, não existiram os angustiantes problemas de drogas."

O uso de drogas deve ser entendida como um processo de autodestruição do indivíduo, pois ela vem para preencher um "vazio", que de outra forma, a realidade social não preenche. A droga deve ser entendida em seu amplo espectro, desde aquelas socialmente permitidas, como o tabagismo e o alcoolismo, e até mesmo aquelas não permitidas como: a maconha, a heroína, a cocaína e mesmo os psicofármacos. Todas elas podem criar um processo de dependência física e psíquica, de acordo com a intensidade e freqüência do uso, a constituição do organismo, a formação psíquica, as condições sociais de uso (o incentivo e a valorização pelo grupo, por exemplo) e as próprias características químicas das drogas.

Em uma sociedade, de incluídos e excluídos; é cômodo cruzar os braços, banalizar a violência, a miséria, a corrupção, mas o comodismo não faz parte das trincheiras dos jovens, os acomodados são os sem vida, aqueles que resolvem o problema da violência matando os violentos e não os recuperando pois já não acreditam na melhoria da humanidade.

A importância da vida familiar e da satisfação das necessidades afetivas do indivíduo como a principal forma de se evitar o consumo de drogas, os "buracos"

afetivos, a insegurança, a não comunicação com o mundo dos adultos são os principais responsáveis pelo engajamento do jovem nesse projeto de destruição de si próprio, com a ilusão de que está destruindo valores fundamentais da sociedade, talvez assim ele possa achar que está sendo alvo das atenções que tanto lhes perturbam, pelo simples medo de pensar que não está sendo amado pelos que lhes cercam e esta tentativa de morte implica fazer uma mudança na vida.

É possível recuperar uma criatura que já foi dada por perdida se conseguir implantar nela o valor que ela tem se este sentir-se valorizado, respeitado por aquilo que é, isto se verifica inclusive e principalmente com os chamados marginais da sociedade, pois o amor, a compreensão, preenche o vazio deixado pela carência e pela não aceitação social. O jovem drogado que estava à mercê da sorte, passa a ser valorizado, começa a delimitar o seu espaço, a construir e reconstruir sua liberdade.

A transgressão, a infração e a delinquência são situações que significam trazer ou partir de questões mais próximas de todos nós e de nosso cotidiano, pois o homem vive em grupos sociais e em todos estes existem normas e regras que regulam a relação das pessoas no seu interior e conseqüentemente, todas as pessoas, alguma vez, transgrediu alguma norma, e sempre que ocorre uma transgressão existe uma conseqüência para quem o realizou e ser advertido do seu erro e exposto a uma comunicação mais intensa do grupo, no sentido de reconhecer a importância da norma. É sempre mais fácil o conformismo às normas quando se conhece seu significado, sua utilidade e concorda-se com elas.

A violência e a criminalidade que considera este realizador de delinqüente de vários atos assustadorés começa a investigá-lo, para Foucault (1986): "(...) denúncia que se acaba descobrindo o delinqüente apesar e independente do delito cometido, isto é, descobre-se que, bem antes da prática desse delito, ele já era delinqüente".

A instituição na qual o indivíduo é isolado do convívio social e que tem a função social de regeneração e recuperação é aquela que, contraditoriamente, acaba por atribuir-lhe esta identidade que passa a rotulá-lo e esta marca que irá carregar posteriormente à sua saída do cárcere e que dificultará sua integração social. Sabe-se que hoje não é necessário o internamento ou a reclusão no sistema carcerário para que se inicie a construção da identidade do jovem, mas acontece que está ocorrendo um fato grave e de conseqüências imprevisíveis, milhões de

jovens e crianças, cuja condição fundamental de vida é a pobreza passam a ser vistos não como crianças e jovens, mas como perigosos ou potencialmente perigosos.

Essa representação social das crianças e dos jovens das camadas populares fundamentam-se numa visão falseada da realidade e é alimentada pelos meios de comunicação em massa, em que a pobreza é associada à criminalidade. Isto visa a esconder que tanto a criminalidade como a pobreza tem origem em um modo de organização econômica e política que se caracteriza pela distribuição desigual da renda e por um processo de pauperização crescente de amplas camadas da população, mantendo alguns setores, os mais miseráveis, no limiar da sobrevivência como no caso do índio Febrônio do Brasil, que estava dormindo numa calçada e atearam fogo no seu corpo e todos os envolvidos no crime filhos de médicos e advogados e que os pais eram todos ausentes, de seus lares, essa visão cumpre, também, a função de desviar a atenção da opinião pública de outros tipos de crimes cometidos pelas classes médias e altas, dos crimes contra a economia popular e dos outros crimes não mencionados.

Esta compreensão do fenômeno da criminalidade envolvendo crianças e adolescentes não significa negar que, infelizmente, um número crescente de jovens encontra-se envolvido com a prática de atos infracionais graves e mesmo, reincidentes. Esse fenômeno atravessa todas as classes sociais, isto é, crianças e adolescentes de diferentes origens sociais, e não exclusivamente os pobres, acabam por se transformar em agentes da violência. Portanto, as determinações da prática de ato infracional não são exclusivamente de ordem econômica, os jovens repetem, como agressores, as experiências de violência que os vitimaram, eles carregam prejuízos, vivem em condições de risco pessoal e social e além da garantia dos direitos básicos de cidadania, precisam de tratamento, porque o delito denuncia um sofrimento, e este delito apresenta dupla face que é a fala do social e do psicológico.

Entre as várias faces que a violência demonstra existem ainda aspectos importantes a serem destacados, referindo-se à destruição planejada, irresponsável da natureza, isto é, à poluição dos rios por produtos químicos, à devastação das grandes florestas, à poluição do ar, tudo isto ocasiona intencionalmente pelo o homem, cuja sua característica fundamental é a capacidade de transformar a Natureza em seu próprio benefício, está engajado em sua transformação no sentido

destrutivo, o que virá a comprometer as condições de vida das futuras gerações, e esta intolerância sempre é vista como um desequilíbrio tão devastador que grupos de proteção ao meio ambiente como: Instituto Chico Mendes, Ibama, Greenpace e outros fazem constantemente movimentos de mobilização e conscientização, que a Natureza pede socorro por causa de tanta violência contra ela.

A desvalorização e falta de interesse com o ambiente está deixando para os nossos filhos um desequilíbrio tão grande que até mesmo nós estamos sendo presenciados com esta questão, o grande desperdício é sem dúvida o recordista da poluição no mundo.

Outro aspecto refere-se à ausência de cuidados que a nossa sociedade demonstra em relação a milhões de crianças e jovens que vivem em condições de não-cidadania, de não-garantia de seus direitos à educação, saúde, lazer, alimentação, enfim às condições básicas que garantem a sobrevivência física e um desenvolvimento psicológico saudável e conseqüentemente, a formação de cidadãos com participação social.

Esta ausência de responsabilidade social refere-se nos milhares de meninos e meninas que vivem nas ruas de nossas cidades à mercê da sua própria sorte e no ingresso precoce de crianças e jovens no mercado de trabalhos exploratório como a prostituição infanto-juvenil, onde ficam nas vias rodoviárias e regiões litorâneas, onde se sabe que a exploração sexual no nordeste é o recordista desta violência, este "trabalho" muitas vezes é como a forma de garantir sua própria sobrevivência e muitas vezes, a sobrevivência da família.

A essas crianças e jovens é negado o direito à infância e à juventude, e não sabemos, hoje qual a amplitude dos prejuízos do ponto de vista psicológico e social que irão manifesta-se nas próximas décadas, e está é uma observação feita por Lewis (1970), quando acrescenta um pensamento sobre os menores de rua.

As histórias contadas revelam um mundo de violência e de morte, de sofrimento e privação, de infidelidade e lares desfeitos; a delinquência, corrupção, brutalidade policial e a crueldade de pobre contra pobre; mas revelam intensidade de sentimentos, de dias melhores, de compartilhar o pouco que possuem e a coragem de andar para a frente embora inúmeras dificuldades apareçam.

Diante desse fato, observa-se que os menores de rua desenvolvem sua própria classificação seus costumes se diferenciam das outras classes pois ao mesmo tempo que são considerados a margem da sociedade, estes passam por uma vida

limitada mas não esquecem do que está ao seu lado, e é importante considerar que a caracterização da situação de violência em que vivemos denuncia uma tendência para a autodestruição, quer pela direta das forças destrutivas presentes no homem, quer pela omissão que leva amplos setores da sociedade a serem espectadores passivos desse espetáculo tanático. Romper com esse destino significa estabelecer uma nova ética de cidadão, em que os valores da vida prevaleçam sobre a morte, construir essa nova ética é um projeto de vida que são tarefas para a juventude de hoje, considerando os dados da História, é sabido que estes processos, pela dinâmica interna que move são de fundamental importância na formação estrutural da personalidade desses jovens, de certo modo é importante atentarmos para o fato de que vivemos numa cultura impregnada por influências oriundas das classes mais altas onde constitui em certas camadas sociais um elemento para o julgamento e caracterização de identidade aceita e com estas alianças de influências de ordem a ser consideradas políticas e econômicas, onde o senso comum estabelece base para ser construído o pobre e por conseguinte o menor de rua.

De acordo com o que está acontecendo é possível destacar alguns aspectos especialmente agudos que tem caracterizado nossa sociedade, nos últimos anos, o intenso processo de urbanização, as migrações internas com suas conseqüências de desenraizamento social, cultural, afetivo e religioso, a acelerada industrialização, o impacto das políticas neoliberais, a expansão das telecomunicações, a cultura do consumo, a escandalosa concentração de renda, a ética, o aumento da exclusão e do desemprego.

A hegemonia do projeto neoliberal, que caracteriza o momento atual brasileiro, tem contribuído para reforçar o referido processo de desintegração social. O mercado torna-se o elemento central da estruturação social, transformando em mercadoria não somente os produtos materiais mas também as relações humanas, e se organiza segundo uma lógica própria, na qual o poder e os benefícios trazidos pela produtividade e o consumo concentram-se nas mãos de determinados grupos sociais. Desta forma pode-se afirmar que sua lógica possui um caráter excludente e seletivo.

Em um mundo onde a dimensão econômica subordina todas as demais, a concepção de cidadania parece coincidir com a de consumidor-empresário, desvirtuando-se, assim seu sentido profundo e potencial utópico, mobilizador da construção de uma sociedade justa, democrática e solidária.

E para muitas pessoas, o aumento da violência diretamente relacionado ao número de crianças e jovens que vivem abandonadas nas ruas das grandes e médias cidades, assim, manifestações de violência estariam, de forma especial relacionadas às classes populares, contudo, considerar a pobreza e a miséria como as únicas causas de violência é no mínimo, uma análise reducionista e simplista da questão.

Como explicar, então, os casos de jovens, filhos das famílias favorecidas economicamente que cometem crimes.

Todos esses ingredientes sozinhos não explicam a rotinização da violência, apesar de sabermos que alimentam seu círculo vicioso, é necessário ressaltar que estudos tem procurado compreender a problemática da violência no âmbito urbano. A compreensão deste fenômeno depende tanto da percepção de fatores estruturais, como a crise, econômica, a miséria e o empobrecimento, quanto o complexo de mediações materiais e culturais que envolvem a violência, expressando-se através da quebra de laços de solidariedade na sociedade e da crise das relações sociais tradicionais, como afirma o autor e pesquisador Arnoud (1998): "(...) a luta contra a violência começa a fazer parte do debate sobre uma nova relação Estado/Sociedade e passa a ser considerada como forma também de busca de novas relações articuladas e conflitais."

Configura-se, assim, um trama complexa e dramática da problemática da violência na sociedade brasileira hoje, dentro da qual se situam as questões específicas relativas às manifestações da violência no contexto escolar.

CAPÍTULO II

COTIDIANO ESCOLAR E VIOLÊNCIA

A relevância dos contextos sociais dos jovens, sendo focado como fatores desencadeadores de comportamentos violentos, a desagregação familiar, a pouca ou inexistente atração pela escola, o grupo de amigos aliados à posse de armas, o consumo de narcotráfico e o visionamento excessivo de televisão, mostrando que esses comportamentos violentos na escola tem uma intencionalidade lesiva, podendo ser determinados de dentro para fora, como acontece nos bairros degradados invadidos pela miséria e pela toxicod dependência, onde agentes estranhos ao meio o invadem e destroem.

Outro motivo que leva o jovem a tratar o ambiente escolar com violência, seja por causa dos docentes serem intransigente em relação a eles, de não os ajudarem quando precisam e de fazer pouco caso enquanto pessoas, pois só são adolescentes.

Tratar de violência contra a escola em que os considerados “alunos-problemas” assumem o verdadeiro desafio à ordem escolar, destruindo material e impondo um clima de desrespeito permanente ou simplesmente comportamentos violentos na escola, leva aos grupos escolares observar como está a organização do ambiente se ele é suficientemente tranquilo para a construção de valores característico dos alunos, pois este comportamento é fruto de muitas situações de indisciplina que não foram resolvidas e que constituem a origem de um comportamento agressivo.

Para combater este tipo de situação a escola tem que analisar a forma como é exercido o seu controle; tem que se organizar pedagogicamente para conseguir deter a violência não só no seu interior como fora dela, como comenta a fundadora e pesquisadora do GEEMPA – Grupo de Estudos sobre Educação, Metodologia de Pesquisa e Ação. Esther Grossi, coisas urgentes acontecem lá fora e a escola se mantém no artificialismo do suposto-conhecimento neutro, os jovens têm grande senso da realidade isso precisa encontrar lugar de expressão na sala de aula, do contrário eles só vão aprender o que já sabem.

É necessário que a escola trabalhe dentro das salas de aula a solidariedade, deve-se levar os alunos a praticar e pensar sobre ela em conjunto com outros valores, em vez de incentivar a competição entre eles ou sistemática comparação entre seus diversos desempenhos é preferível fazer com que eles se ajudem mutuamente a ter sucesso nas suas aprendizagens, pois o discente que apresenta dificuldade não precisa ser motivo de chacota para os outros, deve ser incentivado por todos, fazendo com que ele não se sinta rejeitado e torne-se agressivo dentro da sala por se achar menos capaz, um exemplo dessa prática é na Escola Estadual Professor Renato de Arruda em São Paulo, como relata o vice-diretor Albino Espinosa: "incentivamos o trabalho em grupo, como forma de treinar a sociabilidade dos alunos".

Sabe-se que todos os espaços de uma escola são educativos, então a boa manutenção do prédio é outra frente de combate à violência escolar, às vezes negligenciada por professores e diretores, pois um ambiente depredado abre caminho para o vandalismo. Se esses alunos permanecem uma boa parte de seus dias dentro de instituições adequadas praticando não só conhecimentos em matérias tradicionais, como também em outras atividades certamente não terão tempo para praticar atitudes violentas.

Se a violência do dia-a-dia invadiu a escola, não resta nenhuma dúvida de que a paz na sociedade só virá por meio da educação de seus cidadãos e nesta guerra, um bom educador deverá ensinar como convive em harmonia com a diferença, demonstrando a solidariedade um dos meios de instaurar a paz do ambiente escolar ensinando que muitas coisas na vida podem ser resolvidas com tolerância.

Quando a pessoa é roubada de seus direitos à educação, moradia, saúde e lazer ela age como violência na luta pela sua sobrevivência por isso este ato não deve ser tratado da mesma maneira e sim cabe a escola mostrar que a educação é geradora da conscientização do ser humano de seus direitos e deveres cívicos, a formação moral desses jovens devem ter prioridade a ser trabalhada com muito amor dentro do ambiente escolar para que eles se sintam capazes e importante na formação de uma sociedade mais tolerante, como exemplifica Marília Sposito, da Faculdade de Educação de São Paulo-USP; de nada adianta falar para os nossos de direitos humanos se eles faltam se matar na fila da cantina por um lanche.

Handwritten signature

Na realidade a relação aluno-escola deve valer também dentro da sala de aula, pois é necessário observar outro tipo de agressão que acontece na instituição que é tida como de ordem simbólica: a relação aluno-professor, onde se percebe algumas vezes a injustiça cometida sobre o discente; são preconceituosas acompanhada de ofensas à inteligência, o tratamento desigual fere a auto-estima do aluno que tende a reagir de forma violenta à exclusão contra o professor ou a instituição, esse efeito é uma causa do desgaste que vem sofrendo a relação professor-aluno, exemplifica o pedagogo Carlos, da Universidade do Rio de Janeiro (2000): "O bom professor tem que saber trocar com o aluno, as coisas simples, como um gesto, um cumprimento, um conselho que muitas vezes o aluno não tem na família, onde possa ajudar a mudar a qualidade de suas vidas."

Despertar nos alunos ações de bem-estar e contribuir para sua valorização são métodos que a escola e os professores devem trabalhar para a formação de valores e atitudes do cotidiano escolar, um educador não precisa somente passar informações, mas saber lidar com vários tipos de negligência de sua turma e criar um clima de convivência, considerando todos os seus discentes como pessoas únicas, cuidando para que eles se respeitem do mesmo modo entre si, logo fica bem explícito que a escola é um ambiente adequado para que se construa a solidariedade, bem como à harmonia dentre outros momentos geradores da paz e não um campo de discórdia e que os jovens não corram o risco de vida, pois quando isto acontece mesmo sendo com baixos índices a repercussão ~~é tremenda~~ não

Sendo a instituição a maior prejudicada por consentir atos violentos, a necessidade de saídas pedagógicas é o melhor método, para vencer o combate a violência, os estudantes têm consciência disso, pois muitos já sofreram agressões e querem mudar este quadro dentro das instituições, cabendo aos professores colaborarem para reverter a situação por meios de atitudes capazes de transformar o ambiente escolar.

A escola, para as camadas médias da população, pretende ser a continuidade do processo de socialização, iniciado na família, neste sentido, os valores, expectativas e práticas que envolvem o processo educativo são semelhantes. Poderíamos dizer que a violência manifesta-se de modo mais sutil na relação das crianças e dos jovens com conteúdos a serem aprendidos, que podem não ter significado para sua vida; na relação com professores, que se caracteriza por práticas autoritárias e sem espaço para o diálogo, para a crítica, na relação com

práticas disciplinares que buscam a sujeição do educando, a submissão, a docilidade, a obediência, o conformismo.

Na verdade, a maior violência exercida pela escola que é quando ela usa de seu poder sobre seus discentes para impedi-los de pensar, de expressar suas capacidades e os leva a se tornarem meros reprodutores de conhecimentos.

Na escola, é importante destacar a violência exercida seletivamente sobre as crianças e os jovens das camadas populares, estes muitas vezes, não têm o repertório de conhecimentos esperados pela escola, e sua vivência (de trabalhador precoce, de responsável pela própria sobrevivência, de menino da rua) é desvalorizada, não é considerada no processo educativo, essas crianças e jovens, que acabam não tendo o desempenho escolar esperado, são percebidos como incapazes, são transferidos para “classes especiais” e na quase totalidade dos casos, levados a “se expulsarem” da escola. Essa experiência de fracasso escolar é muito importante na construção de sua identidade, a incapacidade que lhes é atribuída passa a ser internalizada e eles se sentem incapazes.

Existem, também, estudos sobre as cartilhas e livros didáticos que demonstram que os conteúdos veiculados estão impregnados de preconceitos ou de uma visão de mulher, de negro, que fomenta a formação de preconceitos, o preconceito leva à discriminação de grupos e à violência contra eles.

Hoje uma crescente preocupação dos pais e educadores com as variadas expressões da violência no interior das escolas, nesta perspectiva procura-se identificar diferentes formas de violência presente no cotidiano escolar, isto realizado por meio de estudos e pesquisas.

Nos últimos anos, é possível observar o crescimento significativo da presença e do poder do narcotráfico nos grandes centros urbanos, a partir dos anos oitenta, estes grupos tornam-se mais visíveis e se intensifica sua intervenção em diferentes espaços públicos, incluindo a rede de ensino, as relações entre algumas escolas públicas da rede municipal de ensino e grupos externos, tais como o narcotráfico e as “galeras” a interferência destes grupos na organização escolar e na capacidade de a escola cumprir as funções que lhe são atribuídas pela sociedade, como refere-se a autora Magalhães (1996): “A intervenção por parte do narcotráfico nessas escolas se faz (...) de forma sutil, com pouca visibilidade, através de diferentes mediadores representativos de posições diversas em relação as quadrilhas.”

Não raras vezes as “galeras” utilizam a instituição escolar como espaço para a solução de pendências com grupos rivais, assim brigas que começaram em outras instâncias acabam sendo estendidas ao espaço escolar ou às proximidades deste.

É possível constatar que em todos os casos de invasão, ocorre uma forte interferência na vida escolar, em sua organização, em sua lógica institucional, o fechamento da escola, “aprisionando” os alunos, as alterações nos horários de funcionamento, a preocupação de professores e alunos assustados pelo risco que correm, pois a ênfase na função disciplinadora da escola são algumas das consequências desta interferência.

2.1 A depredação escolar

Atos de vandalismo, como a quebra de louças das instalações sanitárias, o furto de lâmpadas e outros materiais e as pichações, caracterizam a depredação escolar, tais atos relacionam-se à falta de conscientização do conceito de “BEM PÚBLICO”, tornando-se assim, necessária e urgente a divulgação, por exemplo, dos custos e prejuízos causados por estas depredações, esta situação muitas vezes acontece devido ao ambiente freqüentado por estes discentes onde fica relacionado que à baixa qualidade de vida em termos de infra-estrutura, no que se refere à vida coletiva, onde seus espaços, o meio ambiente é feio, duro, sem vegetação e sujo colocam em mente que todos os outros espaços freqüentados por estes devem permanecer igual, como conclui Prado (1992):

O meio ambiente não permite prazer estético; os espaços coletivos, além de insuficientes, são tão desagradáveis e devalorizados que agudizam o stress, impossibilitando um lazer saudável. Trazem ainda uma carga simbólica que representa a devalorização atribuída aos moradores, como se sentirem valorizados, respeitados, importantes para a sociedade quando o lugar onde vivem é tão abandonado e feio?

Aplicando esta concepção ao espaço escolar, pode-se afirmar que, muitas vezes, o estado de abandono e precariedade em que se encontra grande parte das escolas públicas, pode ser de algum modo, este relacionamento com a depredação escolar, pois existe ainda, a possível relação de depredação escolar como forma de contestação como é citado novamente por Prado (1992) destaca que: “Quebra-quebra é um grito e tem o objetivo... obter um reconhecimento através

deste ato violento, que anuncia a voz daqueles indivíduos destituídos que as elites chamam de segunda classe.”

Dentro desta análise, pode-se perceber que, a depredação, no âmbito escolar, pode ser compreendida como um protesto motivado, pois é freqüente, ainda, a descrição de atos violentos cujos fatores parecem cumprir um ritual, neste caso encontram-se, por exemplo, os grupos de jovens que saem pelas ruas tocando campainhas, pinchando muros, espalhando os lixos, etc.; Tais rituais destacam o fato de a violência poder, também, ser compreendida como expressão não do individual, mas do coletivo.

Pois fica compreendido que as depredações, as pichações, as brigas entre alunos e formação de turmas, das “ganguês” podem representar uma forma de persistência social que se nega a submeter-se, neste sentido, a depredação escolar pode ser entendida também como uma forma de resistência diante das imposições de normas.

2.2 As brigas e agressões entre alunos(as)

Esta forma de violência é, sem dúvida, a mais presente nos relatos de educadores, alunos e pais e em alguns aspectos, mantém uma íntima relação com a depredação escolar.

Roubos, insultos, brigas, exploração dos mais novos pelos mais velhos são atos que, de tão freqüentes no cotidiano escolar, acabam por serem banalizados e/ou tidos como manifestações “normais da idade e/ou da condição sociocultural e econômica do jovem, como cita Ferrari (1999):

A violência entre alunos constrói-se em torno de duas lógicas complementares: de um lado, encenação ritual e lúdica de uma violência verbal e física; de outro, engajamento pessoal em relações de força, vazias de qualquer conteúdo preciso, exceto o de fundar uma percepção do mundo justamente em termos de relações de força.

A lógica que permeia essa cultura da violência está intimamente relacionada a um sentimento de medo, fundado na idéia, amplamente difundida, de que a violência está em toda parte e que, para enfrentá-la, é preciso poder defender-se, esta dimensão ritual e lúdica da violência permite um distanciamento subjetivo com relação ao medo, ao mesmo tempo que serve como instrumento para a reprodução de uma cultura de violência, como diz Mota (2002)

O desenvolvimento de tal cultura... só é possível porque pode ocorrer à margem do mundo dos adultos. Ele traduz a debilidade do controle exercido pelos adultos sobre o universo juvenil, sua capacidade de fundar, no interior do colégio, um modelo de ordem.

Assim, mesmo sendo uma modalidade de violência cujas raízes situam-se além dos muros da escola, observa-se que ela afeta, efetivamente, a vida escolar, cabendo, portanto, à instituição buscar alternativas que possam transformar tais relações.

Outro item que muito se destaca nas agressões e ameaças são as feitas por professores, aos seus alunos e estas são realizadas por meio de agressões verbais, físicas e psicológicas, as quais sofridas pelos alunos por parte de profissionais que atuam nas escolas. Na visão dos adultos, tais manifestações de violência podem estar relacionadas com a falta de competência relacional do profissional que atua nas escolas e com o fracasso na formalização dos papéis dos professores e dos alunos.

Já na visão dos(as) alunos(as), a violência contra o adulto é sempre motivada, por ser vista como uma forma de protesto, protesto este contra o mau exercício, pelo adulto, de sua capacidade de julgar e promover a justiça. Esta forma de violência é compreendida pelos alunos(as) como manifestação de resistência ao julgamento escolar ou de protesto contra o "mau" professor(a) ou funcionário(a), pois é descrito pelos discentes como aquele(a) que falta muito, que é fraco, que não consegue manter a disciplina na turma, que é injusto(a), que não tem disponibilidade para com a turma, ou, ainda, que não demonstra entusiasmo pelo que faz.

Para os jovens que têm baixa estima, que não conseguem se vincular com a escola devido aos repetidos fracassos e degradar a escola é um modo de pedir um pouco de atenção e cuidado.

Fazendo uma análise mais ampla do contexto da escola, é importante, identificar, no interior da instituição, relações entre fatores relacionados com a crise de identidade da escola e as manifestações de violência ocorridas em seu interior. Assim é possível constatar uma crise no processo civilizatório a partir do enfraquecimento das condições que o definiram e considerando que a escola, muito tempo, funcionou como um micro-Estado, pode-se identificar, nos últimos anos, uma crise no que se refere ao poder desta instituição, aos modelos de comportamento que aí se constroem e à adesão à chamada "ordem escolar".

A escola, que podia ser caracterizada como um espaço definido por fronteiras, hoje mudou; a escola e mudou o educador, a escola era vista enquanto instrumento de ascensão social, o professor possuía status como mediador dessa ascensão, a escola era fonte privilegiada de informações e ainda mais que nos últimos anos, temos vivido uma reversão deste quadro. No que se refere à formação destes profissionais, observamos que, por um lado, a democratização do ensino fundamental e médio provocou um aumento efetivo do número de vagas nestes níveis e a necessidade urgente de profissionalização de professores, nem sempre bem-conduzida; por outro lado, a ampliação das oportunidades de educação superior muda as expectativas dos formandos que, antes, preparavam-se para uma vida dedicada ao magistério.

Estas transformações tiveram como efeitos visíveis o esvaziamento e a fragmentação na formação dos professores, a diminuição drástica nos salários, o profundo mal-estar presente nos meios educacionais, a desvalorização da educação e do magistério, acabando por gerar uma grave crise de identidade da escola.

Todos esses fatores, ao lado do baixo investimento do Estado no setor educacional e da falta de políticas educacionais voltadas para uma real democratização da escola.

Diante desta realidade, observa-se um enfraquecimento do papel da escola, a expectativa de muitos pais e alunos continua sendo a de que a escola proporcione às crianças e jovens o acesso a uma vida melhor, através de suas funções clássicas: a transmissão dos saberes historicamente construídos e de uma disciplina que lhes seja útil para o desempenho de uma profissão no futuro.

Constata-se, ainda, que, diante do enfraquecimento do papel da escola, esta acaba por ser responsabilizada por outras funções, como alimentação e segurança, com freqüência, tais funções são atribuídas à escola tanto pelas classes favorecidas economicamente, que desejam que a escola tire das ruas as crianças pobres, como pelas classes mais pauperizadas e as famílias pobres mostram-se especialmente preocupadas em assegurar proteção e assistência para seus filhos.

É possível observar, que muitas escolas públicas se encontram em más condições físicas: prédios maltratados, paredes pichadas e sujas, pátios mal iluminados, quadros-negros destruídos, mobiliários sem manutenção, banheiros feios e sem condições de higiene, são algumas das evidências da desvalorização da escola e do público, de maneira geral.

A negligência em manter os prédios escolares é mais um sinal de descaso que o Estado tem para com quem usa as escolas e com quem lá trabalha, prédios nestas condições de conservação são certamente, um convite a maior depredação e violência, o descuido com prédios sugere uma terra de ninguém, uma terra sem dono que pode ser ocupada por aqueles que têm força e coragem como cita Vasconcelos (1997):

Desapareceu a escola que era facilmente identificada... como um dos prédios mais imponentes da cidade, a escola que, pela aparência, já exigia um comportamento formal, de respeito, que impunha uma disciplina e que demarcava um território.

A pauperização da escola fica evidenciada, também, pela falta de recursos humanos que acompanha o descuido com os prédios escolares. E o que se observa muito é a desvalorização do magistério e da escola é freqüente nos meios de comunicação e isto pode afetar significamente os vínculos entre educação e sociedade.

A inter-relação entre a desvalorização do magistério e da escola e o aumento da violência escolar não pode ser negada, a influência da mídia nas manifestações de violência encontradas na escola, pois a primeira refere-se às cenas de violência que são destaque nos jornais e televisão. Pesquisa realizada pelo Instituto de Estudos da Cultura e Educação Continuada (IEC) demonstra que a violência na programação de TV é percebida por grande parte dos jovens como sendo maior do que aquela encontrada na realidade.

Uma segunda forma prende-se á propaganda massiva voltada para o consumo, bem como às novelas que divulgam e valorizam os padrões de vida das classes mais favorecidas, o que tem influenciado os padrões de consumo da sociedade como um todo.

Há de ressaltar, contudo, que apesar de toda esta situação em que se encontram educadores(as) e alunos(as), a escola é ainda o lugar onde se acredita que as coisas podem ser diferentes, um grande número de professores(as), mesmo diante de todos os problemas que afetam a escola e o magistério, acredita na educação e demonstra preocupação em buscar alternativas pedagógicas para lidar com os problemas do cotidianos.

Em geral mesmo alunos(as) que desistiram de estudar manifestam que não desistiram da escola, voltam a ela para desfrutar de um mínimo de convivência social por se sentirem seguros nela.

CAPÍTULO III

ESCOLA E VIOLÊNCIA

UMA RELAÇÃO COMPLEXA E DESAFIANTE

Para se realizar uma pesquisa de campo nas escolas públicas de nossa cidade, não foi uma tarefa muito fácil e de acesso rápido, pois quando se trabalha um tema tão real em nosso meio, como é o caso da violência as pessoas ficam meio receosas em admitir que isto acontece dentro das escolas onde elas trabalham e ocorre também de ficarem temerosas em acharem que serão expostas e então se tem que buscar meios, como o diário longo onde se pode explicar, que as pessoas e a instituição será resguardadas com seus nomes.

Ao iniciar a pesquisa sobre a violência nas escolas, busquei realizar um estudo de pesquisa bibliográfica para melhor compreender como era realizada a observação sobre os vários tipos de violência, tive como referências: as revistas da nova escola, artigos impressos em jornais, internet, livros entre outras fontes e tão logo pude perceber que em Parnaíba o mesmo estava, ou melhor, dizendo está, acontecendo dentro dos lares, escolas e outras instituições as manifestações de violência.

A metodologia utilizada para a elaboração desta pesquisa de monografia, foi a pesquisa de campo que não será experimental transversal correlacional, onde tem a finalidade de ampliar os conhecimentos nesta temática caracterizando-se, portanto uma pesquisa para a sua natureza, com objetivo à que se propõe, ela está classificada com o aspecto da exploração do assunto de violência nas escolas públicas, sendo desenvolvida quantitativamente.

O método de abordagem que se utilizou para o desenvolvimento deste trabalho foi o hipotético-dedutivo, considerado a partir da formulação das hipóteses, com o universo pesquisado e constituído de duas (2) escolas da rede pública de Parnaíba-Pi, que foram selecionadas aleatoriamente por meio de sorteios. Em cada uma das instituições de ensino aplicaram-se os instrumentos de coleta de dados, com questionários, onde foram respondidos por quatorze (14) integrantes do corpo docente das mesmas.

Por ter sido uma pesquisa de abordagem quantitativa, foi feito um levantamento de dados estatísticos, e estes dados coletados foram analisados, por meio de gráficos, sendo também analisados por seus comentários, pois as entrevistas seguiram um roteiro contendo questões fechadas de alternativas (SIM ou NÃO), continham questões que abordavam fundamentalmente aspectos, onde se buscava saber se a escola possuía turmas que geravam os conflitos dentro e fora do estabelecimento de ensino; outro aspecto que foi abordado referia-se às principais dificuldades sentidas pelos professores (as) para as expressões de violência e como era a relação professor (a) e aluno (a), como a escola, família e comunidade se relacionam, buscou-se conhecer se as escolas trabalham com projetos que despertem nos discentes à não-violência e ampliar o ato de socialização, dentre outros pontos, pois o questionário era contido de dez (10) perguntas objetivas.

A maioria dos profissionais de educação considera que a violência está mais presentes nas escolas, hoje, que em outras épocas e alguns afirmam já ter vivenciado situações de violência no cotidiano escolar. Estes educadores apontaram ainda que, além destas situações que responderam, a violência entra no espaço escolar e, em especial, na sala de aula.

Quando questionados sobre as situações de violência mais frequentes no cotidiano escolar como em relação a discriminação ou atos de vandalismo eles apontam que as coisas vão além do velho: "bate-boca" eles partem logo para as agressões físicas e acaba sobrando para todos e alguma vezes é necessário a ajuda da polícia, pois muitos deles vão armados (facas, estilete, tesouras, etc) para a escola afim de terem seus ajustes e se torna um verdadeiro campo minado, onde os professores (as) tentam acalmar a situação para, que os outros não se assustem, que é inevitável.

Pode-se observar que com estes atos, muitos dos alunos se afastam da escola, daí o grande número de evasão, outro fator apontado pelos entrevistados como causa para o aumento das situações de violência, as mais recorrentes são as externas à escola, como o aumento do consumo de drogas, e as facilidades de encontrarem e de até mesmo se realizar a comercialização das substâncias ao redor das escolas, fazendo com que os jovens fiquem cada vez mais consumidores dessas substâncias químicas.

Igualmente citados pelos (as) professores (as) refere-se à desestruturação familiar, que se publicou, que a falta de diálogo e de respeito no

cotidiano familiar, reflete no comportamento dos indivíduos que traz para dentro das salas de aula o reflexo de uma desarmonia contínua na vida desses (as) alunos (as) e que na sua maioria são alunos que gostam de chamar à atenção não só dos amigos de sala de aula, mas também da escola inteira, com seus descontroles emocionais e a escola se vê numa situação sensível, pois busca os pais para compartilhar o problema e eles simplesmente ignoram.

Outra situação difícil de entender é como a mídia tem tanta influência na vida desses adolescentes, pois em adotarem comportamentos agressivos e violentos como os que passam nas programações diárias, e esta influência afeta o desenvolvimento escolar e as relações entre docentes e discentes começam a se tornarem rivalidade, as atitudes de intolerância exercida pelos jovens devido ao poder da mídia em suas vidas, traz para dentro das escolas um verdadeiro terror.

Muitos profissionais de educação revelaram que a influência de filmes ou até mesmo novelas prejudicam na formação de seus alunos que muitas vezes não possuem orientações de seus familiares e jogam tudo na responsabilidade de os ou as professores (as) ou até mesmo de toda a escola, o que causa um sério desgaste, pois muitos adolescentes já estão totalmente rebeldes e não aceitam à ajuda de seus professores.

A relação deficiente entre professores e alunos, muitas vezes caracterizado pela falta de respeito entre ambos, estimula na sua grande maioria a agressividade e a violência em sala de aula, causando com isto um grande desgaste, pois o que se observa é que estes incidentes vêm aumentando cada vez mais, não somente nos grandes centros, mas também dentro da cidade de Parnaíba, que busca para que se possa melhorar está situação que tornou-se desgastante.

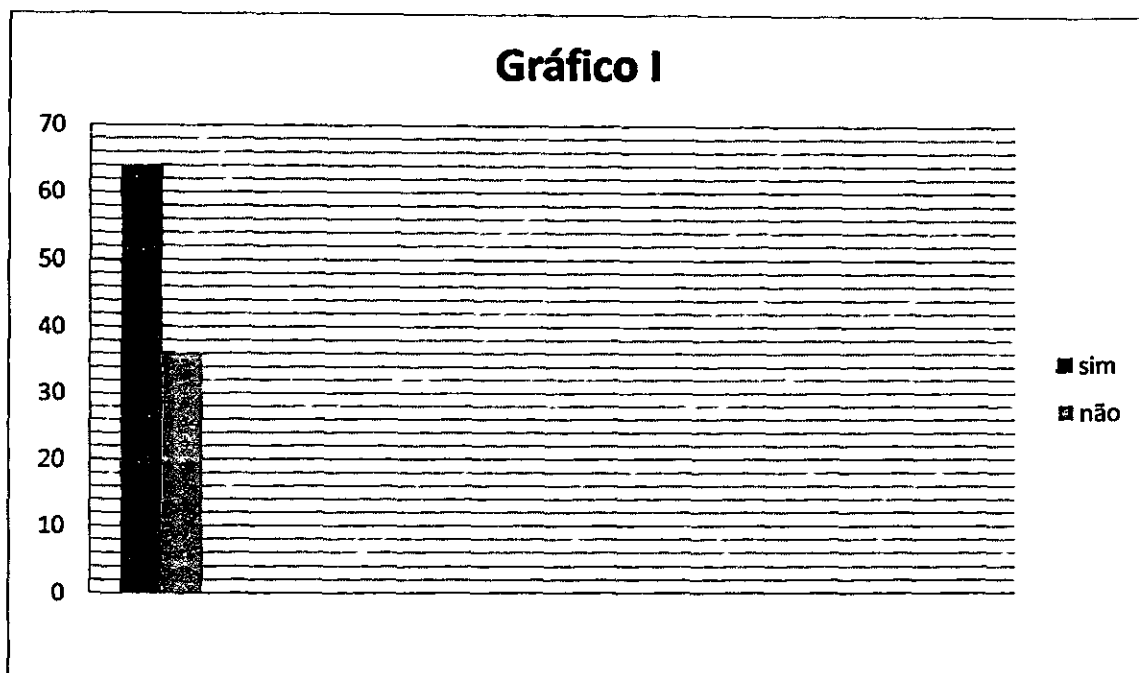
Conclui-se que este tema será de grande abrangência para a vida acadêmica de muitos e podendo auxiliar outros estudantes a buscar melhorar a nossa sociedade, que infelizmente tenta e busca imitar o que se tem de pior que é a violência em nosso meio.

E o que mais chamou à atenção neste trabalho foi a declaração de uma educadora relatar com um pouco de receio ou até medo o que ocorreu em sua escola, onde haviam dois estudantes que começaram uma discussão, que virou uma briga e depois os professores acalmaram e no dia seguinte o pai de um dos jovens, invadiu a escola armado (revólver) para um ajuste de conta com o aluno que tinha

brigado com seu filho e a diretora transtornada pede ajuda policial e tudo saiu sem vítimas e mais agressão.

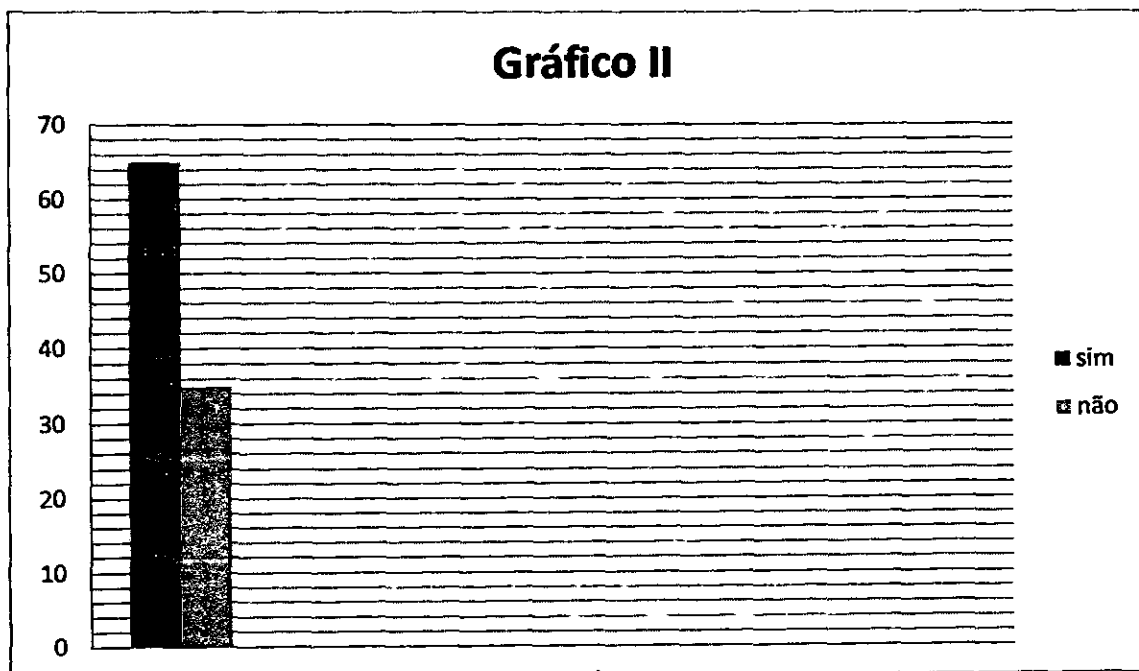
Por fim observamos que novas políticas públicas precisam ser reformuladas e ter mais atenção para com os nossos jovens que infelizmente estão se deixando envolver com a violência em suas vidas e que tudo pode ser resolvido com ela, e mostrar aos educadores que eles não podem deixar a situação piorar dentro das instituições.

01. A instituição já passou por ato de violência motivada pelos discentes?



De acordo com o gráfico I, 64% dos professores afirmam que a instituição já passou por ato de violência de 36% afirmam não terem passado.

02. A escola possui turma que geram conflitos dentro e fora ?



De acordo com o gráfico II, 65% dos entrevistados afirmam terem turmas que geram conflitos e 35% não possuem este dado.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO

01. A instituição já passou por ato de violência motivada pelos discentes?
() sim () não
02. A escola possui turmas que geram conflitos dentro e fora dela?
() sim () não
03. A instituição alguma vez teve que pedir ajuda policial, por causa de atos indisciplinar de alunos?
() sim () não
04. Algum professor já teve que deixar de trabalhar na escola devido a algum ato ou ameaças violentas de alunos?
() sim () não
05. A relação professor-aluno na instituição e fora dela é normal?
() sim () não
06. A instituição trabalha com projetos que despertem nos discentes o ato de socialização, tendo como objetivo a não ocorrência de violência nela?
() sim () não
07. Existe relação escola – família – comunidade?
() sim () não
08. Já houve caso de algum discente portar drogas nas instalações da escola?
() sim () não
09. Existe algum relato de alunos sofrer discriminação e com isto gerar conflitos entre eles?
() sim () não
10. A escola está preparada para trabalhar com este tipo de situação, tendo como apoio pessoas capacitadas a ajudarem a acabar com atos violentos?
() sim () não